AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

DIOGO DE SANTANA MARINOTTO

RESUMO

Os livros de figuras no processo de leitura devem ser acessíveis ou adequados às crianças do Ensino Fundamental I. As Histórias em Quadrinhos representam um forte estímulo à aprendizagem artística, tornando-se mais que uma simples diversão, incentivando a imaginação e a criatividade da criança, favorecendo a habilidade artística, possibilitando um trabalho interdisciplinar. Neste artigo fica claro que as Histórias em Quadrinhos fascinam a mente do aluno, pela facilidade de compreensão, pelo colorido, pela expressão, atendendo as necessidades específicas da criança em fase de alfabetização e letramento. A história da arte sequencial vem de encontro com a produção não verbal tão exigida na atualidade escolar que colabora para resgatar conhecimentos prévios do aluno acerca da representação da imagem aliada a elementos linguísticos e extralinguísticos. A língua dos alunos é o ensejo pelo qual pode desenvolver sua habilidade de ser escutado, indispensável para o desenvolvimento de um sentimento positivo do próprio valor. A voz dos alunos deve ser ressaltada, pois é o único meio pelo qual eles dão sentido à própria experiência no mundo.

Palavras-Chave: História em Quadrinhos; Ensino Fundamental I; Acessíveis.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende relatar alguns conceitos que acompanham os modelos e as representações de um leitor que submete aos programas de formação e promoção de leitura.

Ler e escrever, é pertinente à escola, cabe-lhe dar sentido e vida para o aluno que nela se apresenta. Pode-se aprender. Um caso ou outro pode-se receber alunos que já tragam tais ensinamentos, porém ainda é responsabilidade da escola sistematizá-los. Questiona-se o quanto a escola é um espaço de encontro entre as diferenças, assim como de que forma os estudos linguísticos e situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste e distinção podem ajudar na compreensão sobre as diversidades frente a abusos insólitos, sendo tal grupo social alvo de discriminação ou preconceito. (FIORIN, 1997)

Entende-se atualmente que desenvolver a capacidade leitora é obrigação de todos os professores, em todos os anos. Tem que fazer parte do cotidiano do aluno, pois além de formar o gosto pela leitura, é matéria-prima para escrever de forma clara e objetiva. Quanto mais a criança faz uso da leitura, mais condições ela terá de redigir com estilo e propriedade, para isso ela deve ter passado pela alfabetização e letramento com eficácia, ação que nem sempre é bem construída ao longo de sua vida escolar. (FIORIN, 1997)

Dos três eixos principais, é comum haver excesso de um lado e falta de outro. Enquanto a análise linguística, para muitos, a gramática recebe atenção exagerada, a linguagem oral frequentemente é esquecida. Portanto, necessita-se de atenção para equilibrá-los. A linguagem oral também é importante porque estuda a diferença entre a fala informal, que a criança traz de casa, e a pública, essencial para a vida em sociedade. (FIORIN, 1997).

Não se deve impor aos alunos uma linguagem padronizada, mas uma linguagem viva, dinâmica e coloquial, tiradas de situações reais e imaginárias. Fica claro que não pode haver discriminação entre o que se fala e escreve, a escola e o que se fala em casa.

Por meio das Histórias em Quadrinhos o aluno ganha força, a medida como vai registrar e organizar suas ideias, já que ele terá a oportunidade de refletir sobre as inúmeras possibilidades que o código linguístico lhe oferece para expressar o conhecimento de si, de suas emoções, da própria realidade, seu posicionamento ideológico. Dessa forma, enfatizam-se as funções socioculturais da linguagem que:

Por causa dessa indissociabilidade, pode-se afirmar que os discursos materializam as representações ideológicas. As ideias, as representações não existem fora dos quadros linguísticos. Por conseguinte, as formações ideológicas só ganham existência nas formações discursivas (FIORIN,1997, p.34).

A função principal da produção de textos na escola é trabalhar a elaboração da mensagem como instrumento de comunicação, além de implicar uma atividade que possibilite a construção do raciocínio lógico do aluno.

O domínio da leitura e da escrita se desenvolve em diferentes etapas, por isso, durante as aulas de Artes é fundamental se trabalhar com a leitura e a escrita, na qual a História em Quadrinhos contribui de forma significativa nesse processo. É fundamental fornecer aos alunos materiais diversificados, a fim de dar subsídios para a ação mediadora do professor, que certamente é a chave do processo de aprendizagem. (GERALDI, 1997)

Se a escola não colabora para que o aluno tenha gosto pela leitura, não é porque propõe leituras distanciadas da realidade do jovem, mas porque não há, prévia ou parale-

lamente, o esforço necessário para mostrar-lhe que a realidade que não é ainda a dele e merece ser conhecida. A ideia de se ater àquilo que é a realidade já familiar é a própria negação do espírito de educação e de descoberta. Por que há jovens que gostam de ouvir música clássica ou ler sobre política? Porque alguém, por vezes só pelo exemplo, despertou-lhes a curiosidade de conhecê-los. É verdade que o gosto e o interesse pela leitura estão correlacionados com o desempenho em leitura.

O contato com linguagens artísticas, não significa que as crianças se apropriem inteiramente do sistema formal existente nelas, pois o acesso às representações e aos usos de linguagens oferece às crianças aprendizados necessários ao futuro entendimento das regras de organização que orientam as representações.

As Artes são manifestas em diversas formas e a criança expressa-se com sua visão de mundo e com isso desenvolve-se nas dimensões afetiva, motora e cognitiva, utilizando as diferentes linguagens artísticas. Ao adquirir interesse pela Arte os indivíduos se tornam mais críticos e reflexivos, por isso é fundamental se trabalhar com as Histórias em Quadrinhos.

A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA A CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA

O funcionamento da sociedade moderna se foca na inteligibilidade, na esfera racional de resolução de problemas e situações. Dessa forma, nos fragmenta e relega a um segundo plano tudo que é sentimento. "Assim, a dança, a festa, o ritual, são afastados do nosso cotidiano, que vai sendo preenchido apenas com o trabalho utilitário, não criativo, alienante" (DUARTE JR., 1985, p. 64).

Essa concepção utilitária de mundo perpassa o universo da escola, que dá ênfase a trabalho com as áreas ditas "relevantes" e relega ao segundo plano tudo que lida com os sentimentos e com as emoções.

Não tratando adequadamente a escrita e a fala na alfabetização, a escola encontrará dificuldades sérias para lidar com a leitura. Afinal, a leitura, na sua função mais básica, nada mais é do que a realização do objetivo de quem escreve. O fato de a escola em geral não saber fazer de seus alunos bons leitores traz consequências graves para o futuro destes, que terão dificuldades enormes em continuar na escola, onde a leitura se faz necessária a todo instante, e serão fortes candidatos à evasão escolar. (GERALDI, 1997)

O processo de alfabetização e letramento inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais. (FIORIN, 1997)

Compreendendo a educação como algo lúdico e estético, permitiremos aos nossos educandos um maior contato consigo mesmos. Permitiremos que desenvolvam e eduquem seus sentimentos, ao invés de, simplesmente, contê-los.

"Bem como exercitamos capacidades lógicas matemáticas ao longo da trajetória escolar, podemos refinar nossa percepção sentimental com a convivência com os símbolos da arte" (DUARTE JR., 1985, p. 66).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 1997, p.16)

O professor deve estar atento para as dificuldades de seus alunos ao desenhar e, em todas as atividades de artes, reconhecer a realidade de onde vem, o que pode interferir no processo criativo.

A Arte desenvolve a criatividade, proporciona autoconfiança, amplia a bagagem cultural, facilitando o processo de sociabilidade.

Barbosa (1997), em sua entrevista para Revista Educação cita que:

O bom ensino de arte precisa associar o "ver" com o "fazer", além de contextualizar tanto a leitura quanto a prática. Essa teoria ficou conhecida como "abordagem triangular". Para se aprender, é preciso ver a imagem e atribuir significados a ela. Contextualizá-la não só do ponto de vista artístico, como também socialmente. Eu tenho testemunhado alguns projetos em escolas que priorizam a análise da obra de arte e deixam de lado o trabalho de organizar suas ideias de maneira a comunicá-las por meio da imagem, o que é um trabalho poderosíssimo de organização dos processos mentais. Tem que haver um equilíbrio entre os três processos. Outro grande problema atual é que contexto? Às vezes vira estudo de vida de artistas, o que nem sempre interessa para entender a obra. (BARBOSA, 1997)

Dessa forma, Barbosa nos traz uma reflexão sobre associação do ver com o fazer, realizando a prática da Arte de forma significativa.

"As emoções provocadas pelas imagens artísticas fantásticas das páginas de um livro ou do palco de teatro são completamente reais e vividas por nós de verdade, franca e profundamente" (VYGOTSKY, 2009, p. 29). Nisso reside uma das (in)utilidades da arte (e do brinquedo): a vivência, compreensão e elaboração do que sentem as crianças, do que lhes passa lá dentro. Segundo Vygotsky (2008), por meio do brinquedo, as crianças realizam seus impulsos afetivos. O autor reafirma a compreensão fragmentada que temos, muitas vezes, quando analisamos a criança.

Frequentemente explicamos o desenvolvimento da criança pelo prisma de suas funções intelectuais, ou seja, diante de nós, qualquer criança apresenta-se como um ser teórico que, dependendo do maior ou menor nível de desenvolvimento intelectual, passa de um degrau etário para outro. Não são consideradas as necessidades e as inclinações da criança, seus impulsos, os motivos de sua atividade, sem o que, como demonstra o estudo, nunca ocorre a passagem da criança de um estágio para o outro. (VYGOSTKY, 2008, p. 24).

O autor defende, assim, a necessidade de compreender a criança por meio da análise de sua brincadeira. Compreender "como nela as necessidades da criança se realizam, os impulsos para a sua atividade, isto é, seus impulsos afetivos" (VYGOTSKY, 2008, p. 24). Dessa forma, o autor coloca como base da compreensão do desenvolvimento da criança, a compreensão deste, que considera um processo de realização dos impulsos afetivos – de maneira análoga à arte.

A Arte exerce um papel fundamental na educação, extremamente importante para a formação cultural, intelectual e até mesmo pessoal do ser humano, contribuindo em seus aspectos emocionais e ampliando a visão de mundo daqueles que tem a possibilidade de reconhecê-la.

Percebe-se que a Arte está interligada aos aspectos emocionais do ser humano, então é importante ressaltar que o professor deve ter um olhar crítico e atento aos seus alunos, que expressam seus sentimentos por meio das Artes.

Os alunos e os professores são sujeitos da aprendizagem. Dessa forma, é imprescindível a interação entre eles, na qual criam e fazem juntos, estabelecendo uma parceria e convivência produtiva, acontecendo o desenvolvimento da criatividade.

Promover o desenvolvimento das habilidades sócio emocionais significa realizar ações mediadoras intencionais para que o aluno construa vínculos saudáveis com os professores e com os colegas, e esse papel a Arte consegue desempenhar com êxito, por meio de Teatro, dança, desenhos, entre outras linguagens artísticas.

A socialização e a criatividade ajudam no processo ensino aprendizagem, dando imensas possibilidades da importância das Artes na educação.

A linguagem artística desenvolve a criança no meio social, gerando interação em várias áreas, autoestima, no processo motor, equilíbrio, entre outras.

Independentemente do seu papel dentro da sociedade, a Arte exerce forte atração sobre os seres humanos, fazendo mesmo que de forma inconsciente que nos relacionemos com ela, seja por meio do Teatro, da dança, ou qualquer outra manifestação artística.

O desenvolvimento de uma criança está muito além do que estamos habituados a ver. A criança não se desenvolve apenas em seus aspectos físicos e intelectuais, ela está em constante desenvolvimento. Cada etapa do crescimento de uma criança, ela apresenta um comportamento diferente, tanto o emocional, quanto o social e o intelectual.

Ao falarmos sobre afetividade logo pensamos em classifica-la como carinho, amor, ternura, alegria ou qualquer outro sentimento relacionado a emoções positivas, mas a afetividade também gera sentimentos negativos, como a raiva ou ansiedade.

De acordo com Galvão (2005):

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. (GALVÃO, 2005, p.61).

Podemos incluir as contribuições das Artes para o desenvolvimento afetivo da criança, pois por meio dela, a criança passa ter mais condições e oportunidades de interagir com outras crianças.

É necessário que os professores de Artes procurem aprofundar seus conhecimentos teóricos, desenvolvam o hábito de refletir sobre seu trabalho, deixem de ser menos aplicadores de pacotes educacionais e sejam de fato educadores, agentes transformadores e facilitadores da aquisição de conhecimento por parte do educando. Está nas mãos do professor, tornar a criança um ser ativo ou passivo.

O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a crian-

ça se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá o professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais". (CAGLIARI, 1997 p. 9).

Percebe-se aqui que o papel do professor vai muito mais além do direcionador do conhecimento, é o indivíduo com capacidade de perceber emoções, problemas e dificuldades da criança, por isso o professor que aplica a linguagem artística é fundamental para colaborar com o desenvolvimento integral da criança de forma significativa.

LETRAMENTO LITERÁRIO

Acredita-se que a literatura na escola deve ter a finalidade de formar e não de informar, e que o professor deve ser visto como mediador entre o texto e o leitor e não transmissor de saberes sobre os textos.

Não se pode reduzir o conceito de alfabetização ao domínio de processos de decodificação e de codificação de símbolos gráficos da escritura. A alfabetização compreende o entendimento das formas elementares da construção do mundo da cultura, a produção das ciências, das artes, da história, da vida social e da economia. (RODRIGUES,1995, p. 105)

Verifica-se que com a ampliação do conceito de alfabetização já não se considera alfabetizado aquele que apenas domina as habilidades de codificar e decodificar, mas aquele que usa com exatidão a leitura e a escrita em prática social.

A literatura é também um bem simbólico de que todos devem ter oportunidade de se apropriar: por isso, a escola deve se responsabilizar pela sua democratização. Para tanto, é necessária a criação de ambientes propícios à leitura, com espaços e atividades estimulantes, nos quais os alunos possam ter acesso livre à biblioteca e a bons acervos, em que se realizem eventos de leitura, nos quais se utilizem espaços como sala de vídeo e de computador, em que se façam passeios culturais, com o objetivo de transformar a escola numa efetiva comunidade de leitores.

A diversidade textual ao longo do Ensino Fundamental I é uma valiosa ferramenta no processo ensino aprendizagem.

O ideal é buscarmos mesclar textos de diversos autores, de diversas regiões brasileiras, nacionais e internacionais, com predomínio dos brasileiros. É claro que, por se tratar de uma seleção, muitos textos importantes para o acervo do aluno ficarão de fora, faz-se necessário ampliar esse repertório com sugestões literárias. (BRASIL, 1997)

Já foi questionado sobre o porquê de os alunos não simplesmente lerem os textos literários na escola. O pesquisador Rildo Cosson explica que por trás desse questionamento, está a ideia de que os textos falam por si próprios. Entretanto, mesmo quando lemos um texto fora da escola, ele não fala por si, nós é que o interpretamos, por isso a importância de ensinar os mecanismos de interpretação na escola. Cosson destaca, ainda, que se a leitura é um ato solitário, a interpretação é um ato solidário, pois:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (COSSON, 2006, p. 27)

Leitura silenciosa ou em grupo, ouvir ler, ler a dois, falar de livros, manuseá-los, conversar no meio deles, pressupõem leitores que com frequência leem a sós, na intimidade, mas fazem um uso social do livro. Concretizar este uso predispõe a socialização do uso da língua. A leitura está presente na língua, lemos constantemente em diversas situações.

Cosson (2006), apresenta similitudes com Bakhtin na visão em que aquele aborda o letramento literário:

O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. [...] sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que no que ele nos oferece. [...] E é esse compartilhamento que faz a leitura literária ser tão significativa em uma comunidade de leitores. (COSSON, 2006, p.28)

Pensar literatura traz, conjuntamente, uma gama de aspectos culturais que estão presentes. Cada leitura, cada texto, cada leitor, cada qual com suas margens culturais, a fim de promover um confronto de vozes e promover um processo dialógico. É na interação conjunta que a comunicação estética se desabrocha, sem espaço para o solitário, o fragmentado, as prescrições.

Ao lado do problema da diversidade textual, há ainda a visão hoje comumente aceita e tão claramente defendida por Bakhtin (1981) que aponta os gêneros textuais como esquemas de compreensão e facilidade da ação comunicativa interpessoal. Essa estabilização de formas textuais repercute não só no processo de compreensão, mas na própria estabilização de formas sociais de interação e raciocínio.

A LEITURA E AS DIVERSAS LINGUAGENS

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. (FIORIN, 1997)

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. (FREIRE, 1987)

A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura. O aluno muitas vezes não resolve problemas de matemática, não porque não saiba matemática, mas porque não sabe ler o enunciado do problema. Ele sabe somar, dividir etc, mas ao ler um problema não sabe o que fazer com os números e a relação destes com as realidades a que se referem. Não adianta dizer que o aluno não sabe nem sequer somar ou dividir números que não apresentam dificuldades, que ele não entende matemática. Porque de fato ele não entende mesmo é o português que lê. Não foi treinado para ler números, relações quantitativas, problemas de matemática. (BRASIL, 1997)

O compromisso de ensinar a ler e a escrever na escola deve ser um meio e uma meta para todos os educadores. Meta porque alfabetizar é uma atribuição formal da escola. Meio porque, sem domínio da leitura e escrita, os alunos ficariam à margem dos propósitos educativos mais amplos; entre eles o de participar efetivamente de muitas práticas sociais de comunicação.

A consciência do duplo significado do ensino de língua escrita põe abaixo as concepções de que a alfabetização e letramento são uma atribuição apenas dos professores dos anos iniciais e o ensino da língua materna é uma responsabilidade específica do professor de português. Em outras palavras, compreender a natureza da língua, os processos de alfabetização, os mecanismos de construção cognitiva, as relações do sujeito aprendiz com a sociedade letrada, a realidade da formação e das condições de trabalho dos professores e, finalmente, os percalços da transposição didática para um ensino de qualidade são caminhos indispensáveis para todos aqueles que se importam com educação, entendendo-a como instrumento de luta pela consolidação da democracia do país. (COLELLO, 2003)

A compreensão de textos parece frequentemente uma tarefa difícil porque o próprio objeto a ser compreendido é complexo, ou, alternativamente, porque não conseguimos relacionar o objeto a um todo maior que o torne coerente, ou, ainda, por que o objeto parece notável, com tantas e variadas dimensões que não sabemos por onde começar a aprendê-lo. (KLEIMAN, 1989, p.10)

O texto escrito deve ser encarado como uma ponte entre dois (ou mais) interlocutores, essa relação é que orientará todo o processo da prática de produção de texto. Diz que "o texto é, pois, individual, enquanto o discurso é social".

(FIORIN,1997, p.41)

Os múltiplos saberes dos alunos devem ser ponto de partida para a ampliação e a construção do conhecimento, e isso deve se dar de forma global, holística, e não de forma fragmentada, isolada, dividida. A criança não é apenas um ser em desenvolvimento cognitivo, mas um ser real concreto, em interação com o mundo que a cerca. É um ser historicamente situado. Nas relações com o outro e com o ambiente, é que ela vai apreendendo a realidade.

Ao mesmo tempo em que se entrecruzam diversas noções, será levada a criar e enriquecer seu conhecimento de mundo. Desta forma, Língua Portuguesa, Ciências, Artes, Matemática, História e Geografia vão sendo trabalhadas concomitantemente.

[...] leitura implica uma atividade de procura pelo leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes à compreensão de um texto, que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar". (KLEIMAN, 1989, p.27)

Os conteúdos se integram em diferentes áreas do saber, o que torna a aprendizagem escolar mais sintonizada com a maneira como resolvemos os impasses da vida, que é verdadeiramente interdisciplinar. Não se pode esquecer que a aprendizagem se realiza por meio do confronto entre seu conhecimento prévio e o elemento novo.

A literatura também é uma linguagem artística. Assim, é possível trabalhá-la também no Ensino Fundamental 1, observamos que na arte contemporânea artistas visuais utilizam obras literárias em suas propostas. O olhar especializado pode nos ajudar a ver com profundidade uma área do conhecimento, mas também pode nos deixar cair na armadilha da visão fragmentada, que não nota as relações entre os saberes e suas ressonâncias.

Pela educação, poderá ainda disciplinar a imaginação, desenvolvê-la, conferir ao olho e à mente vocabulários perceptivos capazes de lhes possibilitar a recepção e o entendimento de matizes cada vez mais sutis de percepção. Paralelamente, sua acuidade crítica há de ficar cada vez maior. As imagens mentais, produzidas como são por sensações, assumem determinadas formas, perceptivas e simbólicas, associadas à visão (imagens visuais), à audição (sonoras), ao olfato (olfativas), ao paladar (gustativas), ao tato (táteis) e ao movimento muscular (imagens cinestésicas).

A expressão artística recorre, sobretudo aos chamados sentidos superiores da visão e da audição, mas, embora menos diretamente, também se vale dos demais.

A comunicação acha-se estreitamente vinculada ao conceito de comunidade e, portanto, ao de civilização. Como tantas outras conquistas do homem, é causa e efeito do progresso social. Assim, a história da humanidade é, até certo ponto, a história dos meios de comunicação.

Entende-se por comunicação o processo de troca de significados entre indivíduos por meio de um código comum (signos, sinais, símbolos, linguagem falada ou escrita). Envolve a transmissão da mensagem entre uma fonte e um destinatário. Implica, portanto, dois polos: um transmissor ou emissor (fonte) e um receptor (destinatário), em um processo que ocorre por meio de um meio denominado canal. Este pode ser natural, como o aparelho fonador, ou industrialmente concebido, como a imprensa, o rádio, a televisão etc. Mesmo entre os animais existe um sistema rudimentar de comunicação, embora limitado a sinais e sons intimamente ligados ao instinto de conservação da espécie. Na comunicação existe uma infinita escala de valores. Abarca desde o gesto mais elementar até a transmissão por satélite artificial.

É importante que os alunos percebam a importância da linguagem como expressão do pensamento, traço que distingue o homem do animal irracional. Explicar que a necessidade de se comunicar, no entanto, vem de longe, desde a pré-história, os homens deixaram gravados em rochas e cavernas suas atividades de caça, modo de vida, costumes, afazeres. Eles realizaram um importante ato de comunicação, que são chamados rupestres, sendo mais antigo registro deixado pelo homem. Proceda a leitura do texto com a formulação de hipóteses a partir do sentido de comunicação, isto é, sobre a capacidade de emitir e receber mensagens. Mostrar que existem várias formas de se comunicar: pela fala, pela escrita, pelos gestos, pelo desenho, pela música, pelas cores, pela vestimenta, entre outros, cada um desses conjuntos das maneiras que utilizamos para transmitir uma mensagem chamamos de código.

Os sentidos das palavras podem ser basicamente de duas ordens: referencial ou denotativo e afetivo ou conotativo. Seu sentido é referencial ou denotativo quando se refere à realidade objetiva, quando é exato, literal, concreto; é conotativo ou afetivo quando sugere ou evoca coisas abstratas, conceitos, sentimentos, emoções. O sentido denotativo é geralmente encontrado nos dicionários; o conotativo varia segundo a experiência, a cultura, os hábitos e o temperamento de quem fala e de quem ouve, de quem escreve e de quem lê. O chamado "sentido figurado" é derivado da popularização de um sentido conotativo e, em razão de sua maior ou menor ocorrência, é eventualmente incluído nos dicionários.

É interessante o aluno compreender que o português da vida é espontâneo, mais livre, mais simples do que o da escola, que é mais sujeito a regras, mais rígido. Realçando o fato de que um bom domínio linguístico possibilita alcançar melhores formas de comunicação em diversas situações, seja como escritor, ouvinte ou leitor. É evidente que muitos alunos já trazem esse linguajar de casa por uma questão sócio- econômico-cultural, pois é o meio em que ele vive.

Não se deve impor aos alunos uma linguagem padronizada, mas uma linguagem viva, dinâmica e coloquial, tiradas de situações reais e imaginárias. Ficando claro que não pode haver discriminação entre o que se fala e escreve, a escola, e o que se fala em casa. O aluno, como razão de ser da escola, não pode sentir que a escola a rejeita. O maior compromisso cabe ao professor, que deverá atender às diferenças individuais em seu grupo de alunos, considerando que não há criança superior ou inferior, mas apenas crianças com particularidades próprias. As crianças não são iguais, portanto não se pode trabalhar da mesma maneira com todas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das histórias em quadrinhos terem sofrido acirradas críticas, acabou suplantando a visão de alguns educadores e provando (sendo bem escolhida) que tem grande importância e eficácia nos trabalhos escolares. As crianças aprendem a gostar de ler, se divertindo com os diversos personagens, com as imagens e os diferentes conteúdos das histórias.

As histórias em quadrinhos possuem potencialidade pedagógica especial e podem dar suporte a novas modalidades educativas, podendo ser aproveitadas nas aulas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências, Arte, de maneira interdisciplinar, fazendo com que o aprendizado se torne, ao mesmo tempo, mais reflexivo e prazeroso em nossas salas de aula.

É importante, porém, ter ciência de

que o respeito ao dialeto do aluno não basta. A escola tem obrigação de ensinar e não impor ao aluno o dialeto urbano de prestígio social, pois se trata de uma variação própria das classes dominantes, o que implica diretamente em prestígio social.

As representações gráficas nos ajudam aproximar das crianças, visto que elas, de um modo geral, adoram cores, tanto em lápis, como gizes ou tintas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1997.

COLELLO, S. M. Gasparian. A pedagogia da exclusão no ensino da língua escrita. In: VIDETUR, n. 23. Porto/Portugal: Mandruvá, 2003.

COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed.1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2006.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 2003.

DUARTE JR., João Francisco. Por que arte-educação? Campinas: Papirus, 1985.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 39. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GERALDI, JoãoW. Portos de Passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1997. HAMZE, Amelia. História em quadrinhos e os Parâmetros Curriculares Nacionais. São Paulo. Disponível em: Acesso em: 07 de jun. 2017.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KATO, Mary Aizawa. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1995.

KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 1989.

LOWENFELD, Viktor. A criança e sua arte. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. Teoria e Prática do Ensino de Arte: A língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010. MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Educação e letramento. São Paulo: UNESP, 2000.

RICHTER, Sandra R S. Experiência poética e linguagem plástica na infância. In: 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2007, Caxambu (MG). Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED): 30 anos de pesquisa e compromisso social. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2007. p. 1-15.

RODRIGUES, Neidson. Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs.). Quadrinhos na educação: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.